



A arte encarnada no mundo: Merleau-Ponty e a literatura

Éder Corrêa¹

Ao caracterizar o sujeito humano na sua condição carnal, Merleau-Ponty (2015) estabelece a consciência no seu movimento na direção das coisas para aí construir o sentido e, simultaneamente, pela mediação delas, constituir-lo em si mesmo e nos outros. Em outros termos, a consciência não deve ser definida como interioridade pura, mas, antes, como *consciência encarnada* que se *presentifica no mundo pelo corpo*. Mostra-se, em tal posição, que uma filosofia do sujeito que leva a sério a sua condição corpórea só poderia ser elaborada sobre os fundamentos de uma filosofia do comportamento entendido no seu sentido existencial. A razão está em que não se deve separar o sujeito do mundo, sob pena de nada ter em mãos senão um sujeito esvaziado e um mundo petrificado numa objetividade pura.

Neste sentido, esta pesquisa procura compreender as diversas formas como os seres humanos constroem os mais diversos conceitos com base na sua experiência fenomenológica do corpo por meio da literatura.

O pensamento de Merleau-Ponty sobre “a expressão da carne”, ou como o corpo está diretamente vinculado ao pensamento² e à linguagem, formando um todo indissociável, está presente em diversas linhas de estudos. Atualmente, as ciências cognitivas retomaram diretamente os estudos de Ponty para compreensão da percepção humana e como construímos conceitos. Na obra *A mente corpórea* (2001), o biólogo Francisco Varela faz referência ao pensamento pontyano ao aproximar-se do conceito de que somos uma consciência encarnada, ideia essencial na filosofia de Ponty. Em *Philosophy in the flesh* (1999), Lakoff e Johnson, dois linguistas cognitivistas que situam os estudos de linguagem na relação com a experiência corporalizada, já no título do seu livro fazem alusão direta ao pensamento de Ponty; Michel Collot (2011; 2014), estudioso da teoria da literatura, especialmente da produção lírica, tem grande parte sua obra baseada no pensamento

¹Doutorando em Teoria, Crítica e Comparatismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: edercorream@gmail.com .

²Aqui não se deve entender o corpo como algo puramente físico, mas como entendido pelo filósofo Merleau-Ponty, ou seja, deve ser visto como “corpo fenomenal”, algo biface, que engendra o “corpo objetivo” e o “corpo virtual”.



fenomenológico do filósofo aqui citado; na antropologia, Le Breton (2006) interpreta o corpo humano com base nos pressupostos teóricos de Maurice Merleau-Ponty, ao afirmar que nosso corpo é um vetor semântico para compreensão do mundo. Esses exemplos provam que “o resgate³” que ocorreu nos últimos anos da fenomenologia pontyana aconteceu pelo fato de que o pensamento do autor francês já evidenciava questões que surgiriam décadas depois de sua morte, reatualizando sua filosofia para a contemporaneidade e contribuindo para uma gama diversa de estudos.

Ao afirmar que somos sujeitos “encarnados” no mundo, assume-se a perspectiva de que o ser humano só pode compreender e conceituar os fenômenos por meio da “linguagem da sua carne”, de modo que procurar entender estes processos auxilia no entendimento dos sujeitos na dimensão perceptiva.

A compreensão fenomenológica da linguagem ultrapassa a visão objetivista de análise dos fenômenos, uma vez que procura entender como as coisas são sentidas, experienciadas e, conseqüentemente, interpretadas, ampliando a forma de entendimento do comportamento humano.

A noção merleau-pontyana de comportamento se mostra muito eficaz para dar razão da existência como uma existência encarnada. Evidentemente que ela nada tem a ver com a noção behaviorista do comportamento, o que reduz à sua dimensão fisiológica, como resposta do organismo aos estímulos ambientais em vista de sua adaptação ao meio. Para Merleau-Ponty, definir o ser humano pelo comportamento é defini-lo pela revelação do sentido que institui pela sua presença no mundo. Os atos expressivos do ser humano, constitutivos dos sentidos, constituem igualmente seu próprio ser, que se realiza no intercâmbio com o mundo pela ação e pela palavra.

Esta pesquisa, portanto, vai muito além de “um estudo de autor”, pois se relaciona diretamente com áreas de estudos que vão das ciências cognitivas à teoria da literatura, uma vez que é apenas na e pela linguagem que o ser humano constrói os conceitos pelos quais vive no mundo e a forma como se comporta.

O conceito de consciência encarnada exprime de forma sintética o núcleo do pensamento filosófico de Merleau-Ponty. O homem existe como ser-no-mundo pelo corpo; não é alguém que se encontra objetivamente como simples coisa no meio do mundo, nem uma consciência encerrada na

³ O pensamento de Merleau-Ponty sofreu de certo ostracismo nas décadas de 70 e 80, ficando grande parte dos estudos fenomenológicos baseados no pensamento de Paul Ricoeur.



sua interioridade. Realiza-se como para si – como consciência e liberdade – no ato de sair de si e estar junto das coisas em relação com o mundo e com os outros homens. Como abertura e presença, afirma-se como sujeito que tem o mundo como destinação do seu ser. Ele é, em sentido forte, “*un sujet voué au monde*”, um sujeito que tem no mundo sua destinação.

Do ponto de vista fenomenológico, a existência é o fenômeno originário a partir do qual se torna possível lançar luz sobre a totalidade das coisas e situar cada uma no interior dessa totalidade.

A consciência humana, em todas as suas atividades que vão da percepção à atividade científica, passando pela imaginação e o sentimento, constitui um campo de manifestação que se exprime como existência ou modo de ser próprio que define as pessoas como seres de sentido, capazes, por conseguinte, de se compreender e também de compreender o mundo no qual esse sentido se inscreve. Essa consciência é dotada de um caráter intencional que a destina ao mundo como seu correlato.

Para Merleau-Ponty (1999, p. 213), o objetivo do cientista “é pôr em evidência a função primordial pela qual fazemos existir para nós, pela qual assumimos o espaço, o objeto ou o instrumento, e descrever o corpo enquanto o lugar dessa apropriação.” Essa função primordial de que fala Merleau-Ponty é exatamente a existência, vale dizer, o ser-no-mundo pelo corpo. O filósofo diferencia o corpo em dois tipos: o animal ou objetivo e o fenomenal. O corpo animal é aquele limitado às leis da biologia, enquanto que o fenomenal é a criação da subjetividade pelo corpo. Merleau-Ponty aproximou-se da visão materialista quanto ao primeiro conceito sobre o corpo, para depois complementá-la com a visão de que as pessoas são sujeitos somente com e pelo corpo.

O que está em jogo nesta posição é a exigência de superação das posições antagônicas do intelectualismo expressa no cogito cartesiano, cujo vértice se encontra no idealismo pós-kantiano, e o naturalismo. Enquanto este último considera o homem como resultado das influências físicas, fisiológicas e sociológicas que o determina de alto a baixo e fazem dele uma simples coisa entre tantas outras (MERLEAU-PONTY, 1996), o idealismo considera como uma consciência constitutiva do mundo. O mundo acaba, assim, “reduzido à sua significação” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.17). Prisioneiras de suas representações, a consciência, na concepção idealista, acaba por eliminar o mundo. Definida pela interioridade, ela não permite captar o significado e a originalidade



do nosso modo de existir. Assim, cada uma das alternativas supramencionadas deixa impensada a verdadeira condição humana, uma porque a objetiviza unilateralmente, a outra porque a subjetiviza excessivamente e, por isso, a isola. Merleau-Ponty (1999) argumenta que o mérito da Fenomenologia é o de ter buscado na noção da existência os meios para pensá-la.

Se, por conseguinte, a existência é de fato o nosso ser-no-mundo pelo corpo, então a percepção se torna “aquilo que funda para sempre nossa ideia de verdade” (MERLEAU-PONTY 2015, p.45), vale dizer, a verdade humana, para o pensador, se fundamenta na situação de seres encarnados, seres efetivamente históricos.

Não se pretende hierarquizar nenhuma das disciplinas. Nem se aspira tomar o conhecimento filosófico como uma teoria estética, nem a literatura como um objeto que pode ilustrar conhecimentos da Filosofia. Como afirma Merleau-Ponty (2015, p.23), “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta ‘profundidade’ quanto um tratado de filosofia”.

Ao caracterizar o sujeito humano na sua condição carnal, Merleau-Ponty estabelece a consciência no seu movimento em direção às coisas para então constituir o sentido e, simultaneamente, pela mediação delas, constituiu-lo em si mesmo e nos outros. Em outros termos, a consciência não deve ser definida como interioridade pura, mas, antes, como consciência encarnada que se presentifica no mundo pelo corpo (MERLEAU-PONTY, 2015). Mostra-se, em tal posição, que uma filosofia do sujeito, que leva a sério a sua condução carnal, só poderia ser elaborada sobre os fundamentos de uma filosofia do comportamento no seu sentido existencial. A razão está no fato de que não se deve separar o sujeito do mundo, sob a pena de que não se tenha em mãos senão um sujeito exangue e um mundo petrificado numa objetividade pura.

A interpretação fenomenológica de encarnação, conduzida por Merleau-Ponty, desvenda de um lado a atividade perceptiva como revelação do mundo e, de outro, confere novamente à percepção uma dignidade filosófica que ela perdera desde longo tempo.

Em *A prosa do mundo* (2012, p.224), Merleau-Ponty afirma:

[...] o mundo não existe apenas para mim, mas para tudo o que, nele, acena para ele. Há uma universalidade do sentir – e é sobre ela que repousa nossa identificação, a generalização de meu corpo, a percepção do outro. Percebo comportamentos imersos no mesmo mundo que eu, porque o mundo que percebo arrasta ainda comigo minha



corporeidade, porque minha percepção é impacto do mundo sobre mim e influência dos meus gestos sobre ele, de modo que, entre as coisas visadas pelos gestos do adormecido- e esses gestos mesmos, na medida em que ambos fazem parte do meu campo.

Esta fala de Merleau-Ponty define como é reconstruído pela percepção aquilo que se apresenta diante das pessoas, e é esta forma de perceber e conceituar que interessa a este projeto, pois é pela percepção que os sujeitos conceituam e se relacionam com o espaço.

Para Merleau-Ponty (2015), a atividade das pessoas no mundo é uma atividade poética, que constitui espaço de encontro onde o sentido se faz história. Na verdade, o sentido é sempre sentido pelo sujeito, sentido que se encontra no termo de visadas, e possibilita a tarefa comum de elucidação e transformação da realidade, constitutivas do complexo tecido da história que arduamente se escreve.

Em toda parte em que exerce sua presença, o homem se manifesta como alguém que tem ontologicamente como característica a de ser instaurador e manifestador do sentido. Isso ele faz pelo corpo próprio, que apresenta a dupla característica de reflexividade da consciência e visibilidade própria do mundo (MERLEAU-PONTY, 2015). Ele é, por conseguinte, essencialmente um ser de linguagem. Os sentidos proferidos na palavra não recobram toda a extensão dos sentidos estabelecidos pelo comportamento. A palavra proferida restringe o sentido a um segmento da realidade. Mas isto é o que permite a constituição de significações estáveis, responsáveis pelo alargamento do campo da experiência pela constituição do mundo cultural. Por esta razão, a linguagem não pode ser reduzida a um simples sistema de sinais convencionais utilizado como instrumento de comunicação dos pensamentos.

A linguagem implica, sem dúvida, comunicação (MERLEAU-PONTY, 2015). Mas não é antes de tudo uma comunicação do que se pensa por meio de um conjunto de sinais convencionalmente estruturados como se pensamento e linguagem fossem exteriores um ao outro. Assim, diz Merleau-Ponty (1999a, p.244-245), “é preciso reconhecer em primeiro lugar que o pensamento, no sujeito falante, não é uma representação, quer dizer, que este não põe expressamente objetos ou relações. O orador não pensa antes de falar, nem mesmo enquanto fala; sua fala é seu pensamento”. Pensamento e palavra acham-se ligados numa relação de mútua implicação. A palavra exprime o pensamento e este se “encarna na palavra” (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 246).



A ordem husserliana de “volta às coisas mesmas” (HUSSERL, 1989) foi entendida por Merleau-Ponty como voltar-se para o mundo que existe antes do conhecimento e do qual todo conhecimento é necessariamente parte. Pode-se ver neste ato uma forma de profundo descentramento infligido à consciência pela negação que implica da sua pretensão à transparência total e à plena posse significativa de si. O irrefletido, sempre suposto pela reflexão, não pode ser assumido inteiramente por ela. O pensamento esbarra invariavelmente na opacidade deste pressuposto, que está sempre “já aí”, quando se reflete. Com isto contesta-se o poder regulador da consciência em relação ao sentido. Não se deve concebê-la como posse exaustiva de si e centro de toda significação. Realmente, se há uma apoditicidade do cogito, não há adequação dele consigo mesmo. Em uma das passagens mais famosas da *Fenomenologia da percepção* (2015, p.13-14), Merleau-Ponty postula que:

[...] Pois se posso falar de "sonhos" e de "realidade", se posso interrogar-me sobre a distinção entre o imaginário e o real, e pôr em dúvida o "real", é porque essa distinção já está feita por mim antes da análise, é porque tenho uma experiência do real assim como do imaginário, e o problema é agora não o de investigar como o pensamento crítico pode se dar equivalentes secundários dessa distinção, mas o de explicitar nosso saber primordial do "real", o de descrever a percepção do mundo como aquilo que funda para sempre a nossa idéia da verdade. Portanto, não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: mundo é aquilo que nós percebemos.

Essas afirmações recebem todo o seu significado à luz da célebre asserção que se lê mais à frente, na mesma obra, na qual o autor rejeita a tese idealista da reflexão total em que ser e pensamento encontrar-se-iam plenamente identificados, como diz ele: “o verdadeiro cogito não é o face a face do pensamento com o pensamento deste pensamento: eles só se encontram através do mundo” (p. 400). Em outras palavras, todo o esforço da reflexão se traduz no ato de se voltar para a realidade captada pela atividade perceptiva na tentativa de compreendê-la, explicitando os significados que ela assume para os indivíduos.

Não há reflexão, segundo o filósofo, sem a apreensão perceptiva do mundo pela mediação do nosso corpo. Esta define a primeira etapa da reflexão fenomenológica que se completa numa segunda que consiste lançar luz sobre o modo de ser deste novo cogito, desvelando a sua estrutura de base.

Ligado corporalmente ao mundo, o homem é ultrapassado pelos seus atos significativos. Os



indivíduos revelam e dizem os sentidos do real na medida em que os transcendem na sua condição de simples “coisa aí presente”. Conceber o ser humano como comportamento equivale, portanto, a abandonar os privilégios da consciência em cujo centro o pensamento acostumara-se a colocá-lo.

A partir do que foi citado, também se pode afirmar que, para a fenomenologia existencial, da qual Merleau-Ponty é sem dúvida um dos maiores representantes, o conceito de como ser-no-mundo constitui o núcleo do qual se concentra todo seu esforço de elucidação. De acordo com ele (MERLEAU-PONTY, 2015, p.22).

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico.

O mundo é o estado do qual brota todo o pensar filosófico. De fato, a filosofia é, como define fortemente o autor, “a reflexão radical, é consciência de sua própria dependência em relação a uma vida irrefletida que é sua situação inicial, constante e final” (MERLEAU-PONTY, 2015, p.11). Formular conceitualmente a experiência que se tem do mundo será sempre formular um contato originário com o mundo. Esta acepção coloca-se como um dos princípios mais importantes para compreender uma obra narrada em primeira pessoa, como a de Marcel Proust, na qual o enredo é construído com base na percepção do narrador, não é à toa que o próprio Merleau-Ponty afirmou que (1964, p.195) “ninguém foi mais longe do que Proust ao fixar relações entre o visível e o invisível na descrição de que uma ideia não é o contrário do sensível, mas que é seu dúplice e sua profundidade”

Para aproximar ainda mais o pensamento de Merleau-Ponty aos estudos literários, pontua-se o que Michel Collot (1998, p.21-22) afirma:

[...] a reflexão de Merleau-Ponty pode ser muito fecunda para a crítica literária. Esta fecundidade não se limita somente ao método, ela se verifica notadamente nos trabalhos de Jacques Garelli, de Greimas e, mais recentemente, em Julia Kristeva. [...]. As noções de forma e estrutura que Merleau-Ponty elabora a partir da teoria da Gestalt dão numerosos conceitos mediadores que permitem pensar a implicação recíproca do sentido perceptivo e



do sentido da linguagem a fim de auxiliar a relação que une o conteúdo da obra à sua expressão⁴.

Esta colocação serve para afirmar que a relação entre Merleau-Ponty e a literatura ainda é bastante profícua em termos de análise e crítica literária, o que sustenta a importância deste projeto para futuras pesquisas que não se limitem apenas a este estudo, rejeitando uma proposta de pesquisa *ad hoc*.

Assim, a percepção é uma forma de construção de um espaço relacional. Portanto, o mundo não é tal qual se apresenta, mas, sim, como as pessoas o percebem e experienciam; é resultado da forma de interpretar o mundo e de expressar este entendimento, seja na linguagem ordinária, seja na linguagem literária, sob a influência de fatores históricos, socioculturais, situacionais, etc.

Assim, a percepção é o eixo do texto literário, ela serve como força-motriz para aspectos centrais da perspectiva do narrador, da construção de personagens e de toda a construção do enredo ficcional. Obras ficcionais têm potencial para transcender o universo literário e alcançar aspectos importantes sobre o comportamento social, histórico e culturalmente situado.

Referências

- COLLOT, Michel. L'œuvre comme paysage d'une expérience. Merleau-Ponty et la critique thématique. In: SIMON, Anne; CASTIN, Nicola (Orgs.). *Merleau-Ponty et le littéraire*. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 1998. p. 21-25.
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- _____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- _____. O fantasma da linguagem pura. In: _____. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- _____. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

⁴No original: [...] La réflexion de Merleau-Ponty peut être féconde pour la critique littéraire. Cette fécondité ne se limite pas bien sûr à cette seule méthode ; elle se vérifie aussi notamment dans les travaux de Jacques Garelli, de Greimas, et tout récemment de Julia Kristeva. Les notions de forme et de structure, telles que Merleau-Ponty les élabore à partir de la Gestaltthémie, sont au nombre des concepts médiateurs qui permettent de penser l'implication réciproque du sens perceptif et du sens langagier, de comprendre la solidarité qui unit le contenu de l'oeuvre littéraire à son expression.



_____. *Parcours deux*. Lagrasse: Verdier, 2001.

_____. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. Le roman et la métaphysique. In: _____. *Sens et nonsense*. Paris: Nagel, 1966. p. 45-72.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Escala, 2007.

VARELA, Francisco. *A mente corpórea*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.